

Sorriso Da Favela: A Crônica Na Construção da Felicidade Em Comunidades Do Espírito Santo”¹

Isis DRUMOND²

Nicoli Glória de Tassis GUEDES³
Universidade Vila Velha, Vila Velha, ES.

RESUMO: Este *paper* descreve o processo de produção do livro “Sorriso da Favela”, que surgiu do desejo de dar voz aos anônimos que moram nas comunidades da Grande Vitória. Através das crônicas, o livro pretende apresentar o olhar protagonista destes moradores que, na maioria das vezes, são marginalizados pela sociedade e pela própria imprensa. O “Sorriso da Favela” visa desmistificar os olhares maldosos que deixam milhares incríveis histórias escondidas nos becos e ruelas do morro. O livro narra vinte casos vivenciados nas comunidades e foi construído a partir da ótica dos personagens que escolheram protagonizar a própria vida. São histórias de luta, dor, superação, humor e sorrisos que provam que a construção da felicidade pode ser difícil, mas sempre será possível.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; crônicas; protagonismo; felicidade; histórias de vida.

1 INTRODUÇÃO

Nenhuma pessoa deveria ser julgada pelo local onde vive ou por aquilo que possui. Entretanto, com recorrência na história da humanidade, os seres humanos têm sido divididos em grupos baseados na classificação dos indivíduos, através de seu poder aquisitivo e na quantidade de bens adquiridos ao longo da vida. Na Índia, por exemplo, a divisão, até 1940, era feita pelo sistema de Castas – um sistema rígido que não permitia relações profundas entre pessoas de grupos diferentes.

No Brasil, essa separação acontece de forma mais branda e camuflada. Apesar dos indivíduos não serem proibidos de se relacionar, a cultura ainda caminha para uma face de preconceitos advindos do estilo de vida que cada um tem condições de ter. É neste momento que a imagem destorcida das favelas vira sinônimo de desilusão.

Não é problema afirmar que existe violência nas favelas. O erro está em associar toda a construção cultural de um povo a uma realidade generalizada. A grande questão na

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom, 2016, na categoria JORNALISMO, Modalidade JO 13 PRODUÇÃO JORNALISMO LITERÁRIO E/OU DE OPINIÃO (AVULSO/ CONJUNTO E SÉRIE).

² Recém-formada no curso de Jornalismo da Universidade Vila Velha. Email: isis_drumond@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Vila Velha. Email: nicoli.guedes@uvv.br.

composição da imagem das favelas está relacionada à falta de informação livre de estereótipos. O ser humano é acostumado a rótulos. É muito simples julgar alguém ou alguma coisa diante de características pré-estabelecidas por terceiros.

Pensando nessa estereotipação, Athayde e Meirelles (2014) realizaram uma pesquisa de campo com o intuito de mostrar a realidade não registrada das comunidades brasileiras. O resultado é surpreendente e deixa uma importante reflexão: até quando nos contentaremos em julgar o que, de fato, desconhecemos? Se render aos encantos do novo, pode ser indescritível.

O resultado da *Radiografia* das Favelas Brasileiras pode parecer surpreendente se adotarmos como baliza de conhecimento o estereótipo midiático, em que os moradores de comunidade, de modo invariável, figuram como miseráveis, incultos, indolentes e bárbaros. Efetivamente, não foram esses cidadãos que encontramos nas ruas, nas vielas e nos becos percorridos (MEIRELES; ATHAYDE, 2014, p.29).

Nesse sentido, com o intuito de dar voz àqueles que têm as suas vozes silenciadas em várias esferas sociais, inclusive a midiática, o livro de crônicas foi elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso, a partir de histórias contadas por moradores das favelas da Grande Vitória. Alinhamo-nos, assim com a tradição das narrativas realistas/naturalistas brasileiras, dentre as quais a grande reportagem brasileira se insere, em especial no formato livro. Tais textos que mesclam recursos narrativos, discursivos e linguageiros dos campos do jornalismo e da literatura, ocuparam desde o final do século XIX o papel de defesa dos excluídos sociais, apontando para o esforço de construção mais complexa dos processos identitários brasileiros (GUEDES, 2007).

Na universidade, imersos em um ambiente para a pesquisa e elaboração de histórias, surgiu a vontade de abordar temas sociais que possibilitam tornar pessoas marginalizadas, protagonistas de uma obra jornalística-literária.

2 OBJETIVO

O “Sorriso da Favela” busca, na individualidade de cada história, um fator comum: a felicidade construída na simplicidade da comunidade. Queremos que o leitor se reconheça em cada personagem e que, ao final, possa quebrar paradigmas quanto ao entendimento do tema. Nesse ponto, nos aproximamos metodologicamente da chamada “pirâmide em pé”, modelo de texto jornalístico evidenciado por Genro Filho (1987), que tem como ponto de partida a

singularidade e como horizontes a particularidade e a universalidade, num exercício que desnuda o engajamento ético e a capacidade crítica de contextualização do jornalismo. Para o autor, narrativas construídas sob essa lógica são um espaço no qual a singularidade dá a ver as situações típicas e universais que atravessam a sociedade, nesse caso em particular, a vivência nas comunidades periféricas da Grande Vitória.

O livro elege como protagonistas justamente aqueles que são, geralmente, renegados ao esquecimento ou ao estereótipo nos produtos jornalísticos factuais. Portanto, o objetivo geral da obra é contar histórias de vida dos moradores de comunidades periféricas da Grande Vitória, destacando assim a memória e a relevância social do tema que carrega em si, ao mesmo tempo em que denuncia o peso do preconceito e do desrespeito apresentado por grande parte da sociedade.

A intenção foi entender a construção do termo “felicidade” a partir das histórias apresentadas; e transformar histórias da vida real em um laço entre jornalismo e literatura. Além do meio acadêmico, espera-se que o livro se torne um registro jornalístico e literário que (re) construa a partir do princípio da alteridade, outros modos de ver e experienciar a favela, compreendendo-a também como lugar de felicidade.

3 JUSTIFICATIVA

A ideia da produção do livro se solidificou a partir do momento em que se percebeu uma profunda falha de observação por parte da imprensa brasileira referente à realidade das comunidades de todo o Brasil. As manchetes de jornais, principalmente nas de editorias policiais, descrevem a favela sob uma ótica estereotipada, conferindo a estes habitantes o fardo de estarem sempre associados à criminalidade e ao tráfico de drogas.

O formato adotado veio da necessidade de trazer uma linguagem poética à obra. A crônica é um dos gêneros jornalísticos que permite maior contato com a literatura. Ela se aprofunda no tema e traz “poesia” à narrativa.

O jornalismo brasileiro passou por algumas mudanças no modo de se fazer presente na sociedade. Foi a partir de 1950, quando o país adotou o modelo norte-americano para as produções jornalísticas, é que a agilidade, objetividade e imparcialidade se tornaram pilares do jornalismo moderno. Desde então, os gêneros opinativos, como a crônica, foram perdendo

espaço na imprensa, sendo destinados a áreas restritas dos periódicos, como as colunas de opinião e cadernos especiais.

A literatura e o jornalismo se distanciaram como campos especializados de saber e fazer distintos, gerando discussões epistemológicas e deontológicas. Os gêneros opinativos ainda são gêneros jornalísticos? Na produção do livro, assumimos a perspectiva teórica que responde positivamente a essa questão, ainda que também possamos classificar a crônica igualmente como um gênero literário.

De fato, o universo das letras é o principal fator de união entre jornalismo e literatura. Na definição de Cony (2008), este seria o gênero próximo. Em outras palavras, o fato de estarem inseridos em um mesmo formato artístico, que neste caso é a linguagem escrita, faz com que sejam comparáveis ou colocados em um mesmo grupo. Já no quesito “diferença última”, o autor destaca que jornalismo e literatura se distanciam, primeiramente, pelo fator tempo. Enquanto o fazer jornalístico está, em geral, atrelado à temporalidade imediata dos relatos, o literário não precisa, necessariamente, se ater ao factual.

Para entender melhor os períodos em que literatura e jornalismo são colocados em um mesmo leque, é necessário voltar aos anos de 1970. Nessa fase, um novo conceito de livro foi instituído no Brasil, diante de um sistema político autoritário que cerceou a liberdade de expressão. O romance-reportagem veio para unir os seguimentos, sem interferir no fazer jornalístico baseado no modelo norte-americano. Sucesso das críticas, o romance-reportagem encantou os leitores e provocou grandes discussões com um de seus principais pilares, a denúncia social. Esse gênero ficou conhecido por divulgar fatos, muitas vezes não noticiados pelos jornais. Ele parte do princípio de apresentar e poetizar os acontecimentos, sem a preocupação editorial de um jornal.

A denúncia social como função básica do romance-reportagem também está relacionada aos detalhes factuais e à pesquisa que o escritor-repórter realizou, inclusive pelo valorizado peso documental da narrativa. Tanto que para alguns resenhistas, o romance-reportagem presta serviço de divulgar verdades que foram distorcidas ou não foram ditas na sua inteireza pelo jornal (ROMERO *apud* COSSON, 2007, p. 39).

Outro modelo de produto jornalístico-literário foi formulado com o objetivo de manter a essência do jornalismo e ao mesmo tempo trazer o aprofundamento que algumas histórias merecem. O livro-reportagem vem para preencher a lacuna que perdura o jornalismo sob a ótica do “ir além”. Ele vem com os principais pilares jornalísticos que perpassam, entre outras

coisas, pela informação e relevância social, mas construído sem alguns fatores que caracterizam o jornalismo diário, como a periodicidade e a agilidade na apresentação dos fatos.

Como descrito por Cremilda Medina (2009), o livro-reportagem não deixa de ser uma obra jornalística. Ele deve se ater à busca pela contemporaneidade das informações apresentadas, mas sem as regras de espaço e tempo adotadas pelos jornais diários. Um bom exemplo de livro-reportagem que se aproxima da temática adotada por este trabalho é o “Abusado: O dono do morro Dona Marta”, desenvolvido pelo jornalista e escritor Caco Barcelos no ano de 2012. A pesquisa durou quatro anos e exigiu uma vivência muito íntima entre Caco e suas fontes. O sucesso das críticas só foi permitido pela riqueza de detalhes que transportou cada leitor para os conflitos daquela favela.

Dentro da modalidade livro-reportagem, existem diversos gêneros que podem ser adotados. Um deles é a crônica. Em uma obra que tem o objetivo de fazer o leitor mergulhar nos fatos, esse é um gênero que faz tempo e espaço serem flutuantes de acordo com a perspectiva do escritor. Uma das grandes vantagens da crônica é a possibilidade de abordar temas que nem sempre são vistos como relevantes, mas que trazem uma grande contribuição para o entendimento das relações humanas. Contribuição que só é possível com o aprofundamento necessário para a construção da obra

A crônica, por estar ligada diretamente aos fatos do cotidiano, é um gênero que está apto a absorver os eventos que se sucedem no cotidiano da sociedade. Essa presença diária dentro dos acontecimentos sociais registra os mais diferentes episódios. Atitudes, condutas e ações de personagens – tanto ilustres quanto desconhecidos – não passam despercebidas pelo narrador atento (MAGNI, 2009, p. 99).

Mas o que há de tão encantador na crônica? Ela pode te reportar para qualquer tempo, brincar com as sensações, trazer emoção ou aguçar todos os sentidos. Tudo isso pela riqueza de detalhes e o exercício aprofundado de contextualização, que permite, potencialmente, uma relação mais estreita entre o leitor e a história contada.

Ela vem para cumprir o papel informativo do jornalismo, tendo como bônus o modo de contar mais livre da estrutura noticiosa e mais próximo da linguagem poetizada adotada pela literatura. A crônica está presente para quebrar o imediatismo, derrubar a objetividade e provar que ainda assim, é possível não perder de vista os critérios de verificabilidade e relevância social necessários para ser considerada jornalística.

A crônica capta esses elementos que são, à primeira vista, insignificantes: odores, imagens, ruídos. São fragmentos que se transformarão em uma espécie de Diário dos Costumes, modos de amar, de pensar e de fazer. Há um profundo laço entre o espaço e o cotidiano, uma relação na qual o espaço é depositário de uma sociabilidade por vezes obscurecida diante das altas tradições culturais. Os protagonistas da vida diária estão imersos em um dinamismo envolvido pela lógica da descontinuidade e, não raramente, também são sujeitos que se exprimem num trágico que o próprio cotidiano é capaz de nos trazer (MAFFESOLI *apud* MAGNI, 2009, p. 93).

A crônica é o grito de liberdade em meio ao jornalismo factual, que muitas vezes pela necessidade do furo jornalístico, se desenvolve sem o devido aprofundamento. Ela cumpre o papel de formar, orientar e informar atribuído ao jornalismo (TRAQUINA, 2004) sem abrir mão de um tratamento estilístico mais refinado, que define uma de suas especificidades frente às narrativas noticiosas em geral. Ela permite que o leitor entenda o sentimento do escritor ao reportar o fato.

Pelos motivos apontados acima, optou-se por elaborar um produto que transitasse entre o jornalismo e a literatura: o livro de crônicas nos permitiria perpassar os conceitos de literatura, pela riqueza de detalhes e aprofundamento na descrição dos fatos, mas também aproximar-nos do jornalismo, à medida que busca no atual ou contemporâneo a matéria prima para se desenvolver, sempre preocupada com a veracidade e a relevância social do tema abordado – no caso em questão, a sociabilidade das favelas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Antes de escolher os personagens protagonistas do livro, foi necessário delimitar quais as comunidades seriam os cenários da narrativa. Foram elencadas dez comunidades: São Pedro, Santo Antônio, Ilha das Flores, Jabour, Jaburuna, Ilha do Príncipe, Morro do Cruzamento, Redenção, Santa Rita e Nova Palestina – todas localizadas em Vitória e Vila Velha.

Para facilitar o primeiro contato com os personagens, já que não conhecíamos ninguém destes bairros, procuramos associações de moradores, ONGs e comércios regionais que pudessem auxiliar no processo de seleção das histórias. Entramos em contato com uma média de oito pessoas de cada comunidade. Depois da triagem, restaram vinte nomes com histórias de humor, tragédias, crimes, amor, sorrisos e esperanças.

Cada crônica foi escrita com base em uma história, respeitando e relatando os detalhes afirmados pelos personagens. Nesta obra literária, o autor fez parte na “contação” das histórias. Ele representou a figura de um narrador ativo que também relata sua experiência e envolvimento com o momento das entrevistas.

As crônicas foram construídas a partir do olhar de cada morador entrevistado para que a história fosse contada pelas perspectivas de quem realmente vivenciou os fatos. Entretanto, para a elaboração do produto, o procedimento metodológico foi fundamentado pela ótica da observação participante, já que as crônicas construídas não partiam só da realidade apresentada por cada personagem, mas também pela interação da autora com o espaço e objeto de pesquisa. “A pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (PERUZZO *apud* BARROS; DUARTE, 2014, p.125).

Ainda na elaboração do produto, optou-se por utilizar a entrevista em profundidade como uma das metodologias. Em suma, é esse método que guiou a construção do produto, sendo a base do modo de produção e apuração das histórias.

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico, que busca com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer (BARROS; DUARTE, 2014, p. 62).

Para que as entrevistas pudessem fluir com liberdade e foco, foi adotada a modalidade de entrevista semiaberta. A principal vantagem da entrevista semiaberta nesta obra foi a possibilidade de ampliar o roteiro sem perder a essência da ideia. O entrevistador se sentiu livre para conduzir a entrevista da melhor maneira e o entrevistado, à vontade em contribuir com informações acrescidas às que já estavam nas perguntas.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a produção desta obra, um pensamento foi fundamental: já que cada personagem devia se sentir e se mostrar protagonista, o livro precisava permitir que isso fosse fisicamente real. Pensando nisso, a obra foi dividida em vinte capítulos, cada um deles destinado a um determinado personagem.

Foram selecionadas histórias de todos os gêneros: amor, humor, guerra, morte, superação e esperança. Através delas, os personagens puderam se sentir protagonistas, ao menos uma vez na vida.

O livro contém 120 páginas divididas em capítulos de mais ou menos cinco. A obra tem o tamanho de 14x21 e foi impressa em papel couché fosco de 170g/m² pela gráfica Alphagraphics, em Vitória.

A abertura de cada capítulo contém uma ilustração feita pelo artista plástico Maurício Corteletti. O desenho tem o objetivo de representar o ponto central da história, além de trazer um elemento lúdico e atrativo para o leitor, já que se optou por não usar fotografias dos entrevistados.

O prefácio da obra foi redigido pela orientadora deste projeto. Nele, ela descreve as principais motivações para a produção e narra, resumidamente, o que o leitor vai encontrar nas páginas seguintes.

Para a narrativa, a autora se fez presente em todas as crônicas. Elas se iniciam com a descrição das primeiras impressões do local da entrevista e terminam com as lições aprendidas com cada um dos personagens apresentados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “Sorriso da Favela” partiu do desejo de mostrar ao mundo as histórias que ficam escondidas nos becos e ruelas das comunidades carentes. A beleza da obra está em tornar o anônimo, o verdadeiro protagonista de sua existência.

A intenção da obra é fazer com que o leitor se sinta convidado a participar, mesmo que rapidamente, daquele universo rico de cores, sons, histórias e emoções. A autora busca uma conexão profunda entre os personagens e os leitores, fazendo com que, por alguns segundos, eles se coloquem no lugar do outro.

O “Sorriso da favela” busca, através da “contação” de histórias, desmitificar o olhar tendencioso que prejudica a verdadeira imagem destes cidadãos. Por meio dos casos apresentados, espera-se que o leitor adquira uma percepção dicotômica da que é imposta pela mídia de forma majoritária.

Este trabalho não pretende desconstruir o discurso de violência presente nas favelas. É perceptível que a criminalidade existe e ainda assombra a vida de quem convive nas comunidades. A falta da presença do Estado reflete na baixa qualidade de saúde e educação, fazendo com que o povo busque outros recursos na esperança de uma vida mais digna.

Na maioria das vezes, estes artifícios se mostram pouco benéficos para a comunidade, como no caso das milícias e dos chefes do tráfico que exigem dinheiro e obediência, em troca de uma “falsa” segurança e suporte para infraestrutura.

Por estes tantos motivos, a vida na favela exige garra para vencer obstáculos diários. Mães que tentam esconder as tentações do tráfico para seus filhos, jovens que convivem com a falta de recursos e vislumbram uma vida melhor através da criminalidade e pessoas que acabam se acostumando a conviver com a falta.

Diante estas dificuldades, não raramente, a construção da felicidade é baseada na superação. Por isso, grande parte das histórias apresentadas no livro tem algum elemento de dor que une a busca por um futuro melhor. São relatos de mortes, perdas e incertezas, mas ainda assim, relatos de pessoas que encontraram, em meio às atribulações, motivos para sorrir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Atlas, 2014.

CONY, Carlos Heitor. Prefácio. In: BRITO, José Domingos de (Org.). **Mistérios da criação literária**. São Paulo: Novera, 2007.

COSSON, Rildo. **Fronteiras Contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2007.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987.

GUEDES, Nicoli Glória De Tassis. **Nos rastros de Rota 66 e Abusado: o livro-reportagem e a tradição das narrativas realistas / naturalistas brasileiras**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

MAGNI, Carlos. A crônica por Luís Martins: dissolução das fronteiras entre jornalismo e literatura. **Revista Comunicação e Cultura- UCS**, Caxias do Sul, 2009, v. 8, n. 16, 2009.

MEDINA, Cremilda, apud LIMA, Edvaldo. **Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura**. Barueri, SP, Manole, 2009.

MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela:** a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira. São Paulo: Editora Gente, 2014.

MELO, José Marques. **Gêneros Jornalísticos no Brasil,** São Bernardo dos Campos, Universidade Metodista 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.